

PARENTETIZAÇÃO DE VERBOS DE ATIVIDADE MENTAL NO PORTUGUÊS FALADO E ESCRITO

Solange de Carvalho Fortilli (UFMS)

fortilli@yahoo.com.br

RESUMO

Diferentes usos são observados para verbos de atividade mental no português falado e escrito. Verbos como *acreditar*, *imaginar*, *supor* e outros têm como função prototípica a de predicado, sendo comumente complementados por orações subordinadas substantivas com função de objeto. As orações subordinadas substantivas são conhecidas por permitirem a expressão de um posicionamento do falante diante do que é dito e, no caso de terem como matriz um verbo de atividade mental, relacionam-se ao grau de comprometimento do falante em relação à informação dada. Outra configuração sintática vem sendo observada em expressões que envolvem verbos dessa natureza: aquela em que o verbo aparece parentetizado, como um adendo à oração, embora ainda escopando-a como um todo. É o que ocorre em “O depoimento deveria permanecer secreto até o fim das investigações, *suponho*”, coletado na *Folha de São Paulo*. Assumimos que a ocorrência apresentada mantém alguma relação com a estrutura “*Suponho* que o depoimento deveria permanecer secreto”, sendo esta última a forma canônica de emprego do verbo *supor* e a primeira, sua correspondente inovadora. É objetivo deste trabalho discutir a presença de expressões inovadoras com os verbos *acreditar*, *imaginar* e *supor* na fala e na escrita, analisando as condições sociointeracionais que as motivam.

Palavras-chave: Verbos de atividade mental. Parentetização. Subjetividade.

1. Introdução

Os verbos são considerados o centro em torno do qual se organiza toda a sintaxe de qualquer enunciado, de modo que a própria definição de sentença ou oração é dependente da presença desses elementos da língua (BAGNO, 2011). Semanticamente, os verbos expressam estados de coisas, entendendo-se por isso as ações, os estados e os eventos de que precisamos quando falamos ou quando escrevemos. (CASTILHO, 2011. p. 396)

A natureza imprescindível do verbo faz com que a classe por eles composta seja uma das mais numerosas no sistema linguístico. O grande número e a diversidade de comportamentos impõem, então, a tarefa de abordar, para uma análise adequada, suas características sintáticas, semânticas e pragmáticas. Nesse sentido, a observação da semântica dos verbos permite que sejam alocados nas chamadas classes semânticas verbais, as quais são muito variadas dentro dos estudos da linguagem.

Dentre essas classes, destacamos aquela que comporta os verbos ora chamados de cognitivos ora de verbos de atividade mental¹⁴⁷. De qualquer forma, esses verbos expressam estados ou atividades que, no âmbito do pensamento, dão origem a percepções, conhecimentos, ideias, crenças ou julgamentos. São verbos como *achar, acreditar, admitir, calcular, compreender, considerar, crer, descobrir, duvidar, entender, ignorar, imaginar, julgar, pensar, reconhecer, supor, saber, explicar, intuir, prever, suspeitar, deduzir, concordar, discordar, avaliar* e outros. Por manifestarem processos mentais e, portanto, internos, esses verbos estão inequivocamente ligados à subjetividade do falante.

Do ponto de vista sintático, esses verbos são, em sua maioria, encaixadores de orações completivas em posição de objeto. Givón (1990) mostra que tais verbos podem ter sintagmas nominais como seu sujeito e/ou como seu objeto, mas também permitem uma oração de complemento para preencher um desses espaços. Nos dois casos, esses verbos comportam-se como predicados que exigem um complemento para completar-lhes o sentido, perfil que confere a eles o estatuto de verbos transitivos. Mais do que isso, em casos em que os verbos cognitivos exigem uma oração como complemento, eles se tornam o predicado principal em relação a outro que é a ele subordinado.

As orações completivas em posição de objeto compõem as tradicionalmente denominadas orações substantivas. As orações subordinadas substantivas são conhecidas por permitirem a expressão de um posicionamento do falante diante do que é dito. Especificamente, as orações subordinadas substantivas que têm como matriz um verbo de atividade mental relacionam-se ao grau de comprometimento do Falante em relação à informação: mostrar ou não como sua fonte; dividir a responsabilidade pela informação com o outro/a comunidade; expressar certeza, dúvida ou descrença etc. (Cf. SPERANÇA-CRISCUOLO, 2011)

Apesar desse comportamento típico, os verbos cognitivos são detectados em situações em que não encaixam nenhum complemento, mas ocorrem repetidamente como uma expressão fixa, realizando-se como uma unidade que, embora escope uma sentença toda, não constitui uma de suas partes. Esse comportamento, já observado em *I think* e *I guess* por Thompson e Mulac (1991), faz com que possam ser entendidos como parênteses. Alguns elementos que cumprem o papel de parentéticos têm

¹⁴⁷ Neste trabalho, utilizamos as duas denominações indistintamente.

natureza epistêmica, daí a denominação parentéticos epistêmicos (THOMPSON & MULAC, 1991).

A análise dos diversos usos dos verbos cognitivos será feita por meio dos verbos *acreditar*, *imaginar* e *supor* neste trabalho, que também dará ênfase aos aspectos sociocomunicativos envolvidos.

Este texto organiza-se da seguinte forma: na primeira parte, apresentamos o processo de parentetização, com seus traços definidores. Em seguida, analisamos dados do português brasileiro oral e escrito quanto aos fatores sociocomunicativos que explicam a ocorrência da parentetização desses verbos. Por fim, apresentamos as considerações finais.

2. A parentetização

Ao elegermos como objeto de estudos verbos encaixadores que parecem desviar-se desse estatuto e ganhar novo funcionamento, surge a necessidade de compreender os mecanismos que explicam esse novo uso, o que pode ser visto em estudos como os de Traugott e Dasher (2001). Os autores tratam de uma construção formulaica, em que o verbo *promise* aparece parentetizado na expressão cristalizada *I promise you*. Não estando comprometida com o tempo futuro, essa expressão assinala o grau de certeza do falante sobre a sentença, qualquer que seja o tempo utilizado. A locução em questão é, portanto, altamente subjetiva, pois sugere uma espécie de garantia sobre o que é dito, constituindo-se como uma estratégia interpessoal.

O fato desse verbo, encaixador de oração por natureza, referir-se a uma sentença sem nenhum tipo de conexão explícita é sinalizador de sua parentetização, como se vê no exemplo dos autores.

(01) He is wasting his time badly here, I promise. (TRAUGOTT & DASHER, 2001, p. 207)

É importante dizer que os itens parentéticos atuam como construções formulaicas, em que o verbo, ainda que conserve traços de seu significado proposicional, vai adquirindo como principal atributo a manifestação da atitude do falante e sua forma de lidar com a interação com o ouvinte.

Para Schneider (2007), as principais características sintáticas, semânticas e pragmáticas dos parentéticos de base verbal são: i) o fato de terem seu próprio contorno entoacional, comportando-se, portanto, como

uma pequena sentença; ii) a falta de um vínculo sintático expresso por algum conector; iii) a relação pragmática que mantém com a oração “hospedeira”; iv) a interrupção prosódica que causa na sentença “hospedeira” e v) a função interpessoal fortemente presente.

Conhecidos os parâmetros do fenômeno, passamos a analisar a ocorrência de verbos cognitivos parentetizados no português atual.

3. Parentetização de verbos de atividade mental no português oral e escrito

Dentre os vários aspectos (sintáticos, semânticos e pragmáticos) que envolvem o uso dos verbos cognitivos como parentéticos epistêmicos, selecionamos aqueles de natureza pragmática como prováveis motivadores do fenômeno. Assim, analisaremos situações comunicativas em que esses elementos são utilizados, explicitando que condições fomentam sua realização na fala e na escrita.

Para dar conta dos usos na fala, selecionamos dados advindos do corpus do português (www.corpusdoportugues.org). Para isso, coletamos apenas dados oriundos de entrevistas, indicados com *Intrv*. Para a escrita, buscamos dados na versão *on line* do jornal *Folha de São Paulo*. Nesse momento da pesquisa, não controlamos o gênero do texto ou o caderno do jornal no qual o dado foi publicado, pois a investigação é quanto aos aspectos sociocomunicativos envolvidos nas construções.

Cada ocorrência foi selecionada observando-se os traços já estipulado para os parentéticos, como os sintáticos e os entoacionais, representados pela pontuação. Uma vez selecionada, cada ocorrência foi então analisada por meio da observação de como o enunciador se relaciona com o conteúdo de sua fala no que diz respeito a quão asseverativo ele é.

Nos dados de fala, encontramos ocorrências provenientes do *corpus* do português (www.corpusdoportugues.org), como as que seguem:

(01) M- Houve uma aceleração do ritmo de desenvolvimento da engenharia nacional após a construção de Brasília, ou não? JC - Não estou muito a par desse desenvolvimento, mas estou certo de que ele existe. Não tanto, *acredito*, quanto na França ou na Inglaterra. ([corpusdoportugues- 19Or:Br::Com](http://www.corpusdoportugues.org)¹⁴⁸)

¹⁴⁸ Nesse *corpus*, disponível *on line*, 19 indica o século, Or indica que o registro é de oralidade, Br mostra que o dado é do português brasileiro e *Intrv*, o gênero entrevista.

(02) JC - Qual é o tempo previsto, caso continue aumentando o consumo sem investimentos, para o setor entrar em colapso? KOBLITZ - O início de um racionamento pode ser de 10%, 20% ou 30% do consumo. Não vai começar um racionamento grande. Mas, no Centro-Sul, *acredito*, ele já é inevitável. (Corpusdoportuguês-19Or:Br:Intrv)

(03) Eu acho que o período que eu passei foi bom. Aprendi a ser rápido e gabei um bocadinho de dinheiro. Agora é uma nova fase. Eu quero fazer um trabalho de qualidade. E se antes foi bom, agora vai ser melhor ainda, *imagino*. (corpusdoportugues-19Or:Br:Intrv)

(04) O fato de ler muitos livros me fez entender o gênero de uma maneira mais legal também, *imagino*. É que eu tenho pensado muito nisso ultimamente. (corpusdoportugues-19Or:Br:Intrv)

(05) O pagamento feito à vista eu creio que não deve oferecer nenhuma dificuldade especial, é simplesmente que a revendedora ou a fábrica que me vende o carro me entregue a documentação habitual, perdão... nota de venda, sei lá, faturas ou o que for, recibo... quer dizer todos os documentos que comprovem o meu pagamento, pronto, o carro está adquirido. Depois então trata-se de obedecer também às exigências do código de trânsito, *suponho eu*, registrar o carro... (corpusdoportugues-19Or:Br)

(06) As próprias professoras aí é que estaria indicado de lhes dizer, enfim... indicar o seu comportamento. *Suponho eu*. Claro que não me tenho dedicado aos problemas do ensino, não sei... (corpusdoportugues-19Or:Br)

Um conceito chave para a compreensão dos parentéticos é o de unidade entoacional, que se define como “um segmento de fala enunciado sob um só contorno entoacional coerente” (DU BOIS *et al.* 1993, p. 47). Quando é possível a audição, nota-se que elementos como o *acredito*, o *imagino* e o *suponho* são constituintes não argumentais da estrutura oracional, ou seja, externos à sentença, podendo ser chamados de constituintes extraoracionais (DIK, 1997), rótulo que se deve tanto a sua dissociação da estrutura sintática da oração quanto a sua demarcação prosódica.

Tal demarcação dá-se por recurso à mudança de tessitura e, principalmente, por pausas (DIK, 1997; RISSO *et al.*, 2002; LOPES, 2004 e outros). Em Risso *et al.* (2002) vemos que a dissociação sintática dos chamados marcadores discursivos¹⁴⁹ em relação à frase tem como mais um indicativo a pausa prosódica demarcativa, bem definida pela delimitação com nítida curva entoacional, rebaixamento de tom no final da unidade ou outro expediente. As ocorrências são marcadas, primeiro, com as

¹⁴⁹ Entendemos que os parentéticos epistêmicos têm semelhanças sintáticas e prosódicas com os marcadores discursivos, que também são extraoracionais. Traugott, por exemplo, classifica *I promise you* como marcador discursivo (TRAUGOTT; DASHER, 2001).

pausas e, depois, com uma mudança de tessitura que incide no próprio verbo. Nota-se uma pequena variação de altura, com aumento na frase analisada, caracterizando o que Cagliari (2001) denomina asserção enfática.

Sob a ótica pragmática, tendo em vista que tais verbos estão ligados ao grau de certeza do falante sobre o conteúdo de sua fala, ou seja, sobre seu conhecimento acerca da verdade de determinada proposição, constata-se sua relação com a modalidade epistêmica, o que também é indicativo da natureza subjetiva dos itens investigados.

Por meio das ocorrências, comprova-se que o uso parentético dos verbos cognitivos em estudo especializa-se na 1ª pessoa do singular, enquanto o uso como encaixador permite a conjugação em qualquer das pessoas do discurso. Essa discrepância é indicativa de que a parentetização é própria das situações em que as opiniões, crenças e valores veiculados são inerentes à pessoa que fala. Sendo assim, a parentetização não se aplica a casos em que o enunciador está divulgando uma visão de mundo que não seja sua. Não temos, portanto, dados como o que se vê abaixo (exemplo criado):

(07) José disse que vai chover, *acredita*.

Em um levantamento no corpus do português, o uso de *acredita*¹⁵⁰, por exemplo, é quase sempre o uso canônico, como encaixador. Em outros casos, esse verbo pode funcionar como verificador (*João vem hoje, você acredita?*), caso em que perde seu perfil epistêmico.

A parentetização dos verbos analisados ocorre em situações em que o falante vê-se exposto, até por se tratar de entrevistas. Nesse caso, a atenção recai fortemente sobre o entrevistado, de modo que, em certas passagens, este procura se resguardar, relativizando o peso de suas declarações. Os parentéticos de natureza cognitiva cumprem bem esse papel, pois alertam aquele que ouve sobre a intenção do outro de não ser categórico, mas flexível quanto à certeza acerca do que pronuncia.

Tomando-se, por exemplo, a ocorrência (01), percebe-se que o entrevistado já avisa de antemão sobre a impossibilidade de ser radical em suas declarações, ao dizer “não estou muito a par de”. Como responsável por conferir informatividade ao discurso, esse falante não se abstém da

¹⁵⁰ Por se tratar de corpora *on line*, é possível observar em pouco tempo enorme quantidade de ocorrências, o que justifica a informação.

tarefa de informar, mas preserva sua face, utilizando a estratégia de marcar sua incerteza, por meio do verbo cognitivo parentetizado *acredito*.

A estratégia observada na ocorrência (01) repete-se em todas as demais, aplicando-se também àquelas com os verbos *imaginar* e *supor*. Em (04), por exemplo, o falante elabora uma espécie de hipótese sobre a familiaridade que tem com determinado gênero literário. Sua hipótese é a de que o hábito de ler deu-lhe habilidade de compreender tal gênero, todavia, trata-se de uma associação não comprovada, o que o induz a avisar o ouvinte que se trata de uma possibilidade.

Com implementação semelhante do ponto de vista pragmático, *suponho* (casos 05 e 06) revela ainda a peculiaridade de ser seguido, nessas ocorrências, pelo pronome *eu*. Esse artifício é analisado como mais uma marca da subjetividade do falante, que pontua o cunho pessoal que a informação tem.

Se, em certas interações face a face, estratégias como essa se fazem necessárias, na escrita, o quadro é bastante similar. Observemos as ocorrências seguintes, advindas da *folha.com*, indicada com a sigla FSP (*Folha de São Paulo*):

(08) A ventania que vem do Atlântico e toda essa umidade, *acredito*, podem, em alguns casos, ser benéficos para a produção de vinhos brancos. (FSP. Coluna de Alexandra Corvo. *Branqueiros uruguaios*, 20/03/2015)

(09) O narcisista (...) pretende mais: montar um pequeno palco pessoal, onde é possível ser modelo –e ter o mundo em volta como auditório. Para tudo ser perfeito, só faltava mesmo o som dos aplausos. Uma questão de tempo, *acredito*, porque a tecnologia não dorme. (FSP. Coluna de João Pereira Coutinho. *Mostrar o pau*, 09/03/2015)

(10) O elemento do vale-tudo, desde que utilizado dentro das normas de uma prosa impecável, está presente e sempre esteve em tudo o que Reinaldo Moraes produz. Nem que seja um bolo ou uma salada, *imagino*. (FSP. Ilustrada. *Reinaldo Moraes volta sem nenhum recato*, por Barbara Gancia, 24/11/2014)

(11) Um coro greco-baiano, em ritmo de canto de estádio, entoou: "O complexo de vira-lata voltou, complexo de vira-lata voltou ôôô!" Agora não mais com a bola nos pés. *Imagino*. Mas fora das tais arenas, nossas obras incompletas. (FSP. Coluna de Xico Sá. *Tragicomédia de erros*, 17/05/2014)

(12) É uma simpatia o restaurante Lapin, aberto há quatro meses em Perdizes. Fica num bairro mais residencial, sem badalação gastronômica, portanto mais voltado, *suponho*, para quem vive em seu entorno. (FSP. Crítica de Josimar Melo. *Lapin é pedaço da França em Perdizes*. 06/08/2014)

(13) O tratamento diferenciado e mais benéfico às mulheres também acontece nas aposentadorias por idade, para professores e para trabalhadores rurais. É

uma prática comum na Previdência Social brasileira e que, *suponho*, muito dificilmente passará por alguma modificação no futuro próximo. (FSP. Caderno Mercado. *É justo que as mulheres se aposentem mais cedo?* por Marcelo Abi-Ramia Caetano. 21/12/2014)

Os traços estruturais do fenômeno da parentetização na modalidade escrita assemelham-se àqueles analisados na fala: desprendimento sintático e prosódico da oração que escopa. Na impossibilidade de audição por parte dos destinatários, outro expediente é utilizado para evidenciar o comportamento dos verbos em questão como parentéticos: os sinais de pontuação. A separação entre o que é a informação propriamente dita e a partícula que revela a forma como o falante se relaciona com essa informação é bastante visível, devido ao uso das vírgulas. Essas pausas demarcativas são responsáveis por reproduzir, na escrita, as pausas e o contorno entoacional típicos da parentetização na oralidade.

A semelhança de comportamento dos parentéticos na fala e na escrita surge, também, sob o enfoque pragmático. Sempre na 1ª pessoa do singular, esses verbos destacam a atitude do falante quanto ao conteúdo da proposição. A natureza desses verbos revela que o falante tem uma postura defensiva, ou seja, ele enuncia o conteúdo no qual acredita, mas salienta seu comprometimento parcial com essa verdade.

Em (08), por exemplo, essa conduta é sinalizada com o verbo *acreditar*: a ideia de que ventos e umidade podem ser bons para certos vinhos é uma hipótese da colunista. Sem esse parêntese na frase, obter-se-ia uma afirmação categórica, o que importaria à autora o compromisso com sua verdade.

A ocorrência (10) tem lugar em um contexto de manifestação nítida da personalidade de quem escreve, pois se trata de uma apreciação quanto ao trabalho artístico de outra pessoa. Na condução dos elogios que a colunista tece, é expressa uma informação imprecisa, incerta: a de que Reinaldo Moraes é impecável em tudo, até mesmo em empreitadas culinárias. O emissor julga, então, ser importante demarcar que a gênese dessa ideia dá-se na esfera imaginária, portanto, não implicada na realidade.

O mesmo perfil é verificado nas demais ocorrências, dentre as quais, destacamos (13). Nessa ocorrência do verbo *supor*, observa-se bem a astúcia do falante para não se comprometer com suas alegações. Nesse contexto, trata-se de uma informação acerca de um assunto muito difundido e polêmico, diante do qual é prudente esclarecer a origem das asserções: nada mais do que a opinião do emissor. Ao tratar das regras da

previdência social, uma informação inautêntica, se colocada como contundente, poderia gerar consequências para um enunciador que se dirige a um grande público, diversificado e imprevisível quanto à visão que poderá ter de cada texto.

Essa particularidade do jornal pressiona ainda mais o enunciador, pois, ao se dirigir a interlocutores de perfis tão variados, a preservação de face se torna ainda mais necessária, sob o risco de informar mal o leitor médio ou chocar o leitor especializado com uma informação imprecisa ou infundada. Assim, os parentéticos epistêmicos aqui analisados tornam-se ferramentas relevantes para equilibrar o grau de comprometimento com as informações, no sentido de que alertam o ouvinte sobre a origem subjetiva delas.

Como se disse anteriormente, reconhecemos a relação entre uma construção canônica com o verbo cognitivo (na qual ele encaixa outra oração como seu complemento) e sua forma parentética. De um ponto de vista formal, as diferenças sintáticas e prosódicas desses usos são bastante evidentes. Já as semelhanças recaem justamente sobre a natureza subjetiva do verbo, no sentido de que seu uso é sempre concernente a opiniões do falante. A configuração parentética, porém, torna mais marcada a necessidade do falante de assinalar até onde vai sua certeza sobre o que é dito. Entende-se que a parentetização desses constituintes colabora para por em evidência o conteúdo oracional, mas também para destacar o grau de verdade das informações. Esse processo, portanto, contrabalança a necessidade do falante de ser informativo e a importância de mostrar-se reticente quanto às afirmações, o que se cumpre pela realização enfática que se verifica nos parentéticos.

4. Considerações finais

Tidos como típicos encaixadores de oração completiva em posição de objeto, verbos cognitivos como *acreditar*, *imaginar* e *supor* comportam-se, também, como parentéticos epistêmicos. A afluência desses elementos é verificada tanto na fala quanto na escrita, fato que se explica pelo papel sociocomunicativo assumido pelos parentéticos. Apesar de suas diferenças, ambas as modalidades contam com um fator decisivo que acarreta o uso desses verbos de forma parentetizada: a necessidade de apresentar as informações e, ao mesmo tempo, resguardar-se de um total comprometimento com sua verdade. A parentetização do verbo que poderia comportar-se como matricial abre espaço para que se sobressaia

o conteúdo da sentença por ele escopada, ao mesmo tempo em que tonifica a atitude do falante diante do que é dito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.

CAGLIARI, L. C.; MASSINI-CAGLIARI, G. O papel da tessitura dentro da prosódica portuguesa. In: _____. *Razões e emoção*. Miscelânea de estudos oferecidos a Maria Helena Mateus. Lisboa: Universidade Aberta, 2001.

CASTILHO, A. T. Análise multissistêmica da sentença matriz. In: PAIVA, V. L. M. O., NASCIMENTO, M. (Orgs.). *Sistemas adaptativos complexos linguagem e aprendizagem*. Campinas: Pontes, 2011.

DIK, S. *The Theory of Functional Grammar*. Part I: The Structure of the clause. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 1997.

DU BOIS, J. Outline of discourse Transcription. In: EDWARDS, J., LAMPERT, M. (Orgs.). *Talking data and coding discourse*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1993, p. 45-89.

GIVÓN, T. *Syntax: A Functional-Typological Introduction*, vol. II. Amsterdam/Philadelphus: Jons Benjamins Publishing Company, 1990.

LOPES, A. C. M. A polifuncionalidade de “bem” no PE contemporâneo. In: SILVA, A. S. et al. (Orgs.). *Linguagem, cultura e cognição. Estudos de linguística cognitiva*, vol. II. Coimbra: Almedina, 2004.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. *Gramática do português falado*, vol. VI. Campinas: Unicamp, 2002.

SCHNEIDER, S. *Reduced Parenthetical clauses as mitigators*. A corpus study of spoken French, Italian and Spanish. Amsterdam: John Benjamin Publishing Company, 2007.

SPERANÇA-CRISCUOLO, A. C. *Orações subordinadas substantivas sob uma perspectiva funcionalista-cognitivista: uma proposta de descrição e ensino*. 2011. 155f. Tese (de Doutorado). Universidade Estadual de São Paulo, Araraquara.

THOMPSON, S.; MULAC, A. A quantitative perspective on the gram-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

matalization of epistemic parenthetical in English. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Orgs.). *Approaches to grammaticalization*, vol. 1. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.